

derrogou o Princípio da Não Contradição, da Lógica Clássica, que diz que uma proposição não pode ser verdadeira e falsa simultaneamente. Portanto, esta lógica trabalha com o verdadeiro e o falso ao mesmo tempo. Um exemplo de falso e verdadeiro seria um robô, que se movimenta orientado por um computador, subordinado à leitura de sinais. Se ele ler verde (verdadeiro), ele se movimenta. Se ele ler vermelho (falso), ele para. No entanto, pode ocorrer uma situação em que os sinais estejam verde e vermelho ao mesmo tempo; portanto, com informações contraditórias. Pela lógica clássica, não há saída, mas, pela aplicação da lógica paraconsistente, o computador pode trabalhar com esta situação. Um dos criadores desta lógica foi o brasileiro Newton Carneiro da Costa. Outro que trabalhou esta lógica, independentemente de

Newton da Costa, foi o polonês Jaskowski. Portanto, os dois foram considerados criadores desta lógica.

Podemos dizer que a lógica continua a se desenvolver. Podemos citar ainda a Lógica de Relevância, a Lógica Deontica e a Lógica Fuzzy, que estão sendo estudadas por vários pensadores. Portanto, muito ainda se pode esperar na lógica nos próximos anos.

\* Professor do Mestrado em Ética e Epistemologia e do Departamento de Filosofia da UFPI. Doutor em Comunicação e Semiótica/PUC-SP.

## RESENHA: RACIONALIDADE E DETERMINISMO MENTAL

por Maria Cristina de Távora Sparano\*

SEARLE, John. **Liberdade e neurobiologia**. Tradução de Constância M. E. Morel. São Paulo: UNESP, 2007.

John Searle é professor da Universidade de Berkeley, na Califórnia (EUA). Sua área de atuação é filosofia da mente e filosofia da linguagem. Entre seus outros livros traduzidos para o português, temos "A redescoberta da mente"; "Expressão e significado"; "O mistério da consciência"; "Intencionalidade e mente, linguagem e sociedade".

O livro é composto de dois textos e são transcrições de conferências proferidas por Searle, em Paris (2001), no Seminário "Racionalidades contemporâneas", a convite da Universidade Paris-Sorbonne (Paris IV) e da Unité de Formation et de Recherche (UFR), por iniciativa do Prof. Dr. Pascal Engel.

O primeiro texto, sobre livre-arbítrio e neurobiologia, trata, em suma, da discussão livre-arbítrio x determinismo; mente x corpo. A liberdade, para o autor, é atribuída à consciência volitiva,

expressa em um querer e fazer, escolher e decidir. A liberdade, nesses casos, é uma pressuposição da ação. O determinismo não se dá apenas no plano natural, mas também no plano psicológico, sendo que a neurobiologia aí desempenha um papel importante. No entanto, muitas ações naturais, sem uma causa aparente, com aparência de ações livres, são, no fundo, devidas ao acaso; a física quântica pode explicar esses casos de indeterminismo. No entanto, o livre-arbítrio é próprio da consciência humana. Historicamente, a herança cartesiana, que supõe o dualismo mente-corpo, diz que a consciência age sobre a nossa vontade. Searle faz uma analogia entre uma roda que se precipita numa colina e a consciência que temos das coisas; a solidez da roda é uma característica real e tem efeitos reais no comportamento da roda, assim, também, a consciência é uma

característica do cérebro e pode agir sobre o corpo, isto é, as estruturas neuronais agem sobre o corpo. Assim sendo, a consciência seria uma característica do cérebro, da mesma forma que a solidez é uma característica da roda, a maneira como se age estaria ligada ao nosso estado de consciência. Searle mostra como as hipóteses funcionalistas e epifenomenistas podem ser aceitas, nesse caso. Porém, admite que isso não basta, pois, o cérebro causa e sustenta a existência de um eu consciente capaz de tomar decisões racionais e traduzi-las em ações explicadas racionalmente por razões que fundamentaram (ou não) as ações. O autor conduziu que a discussão está longe de ser encerrada e que nos deparamos com: (i) o problema da consciência e (ii) as formulações da mecânica quântica e que, para resolver o problema do livre-arbítrio, sem recorrer a soluções metafísicas, teríamos que, inicialmente, resolver os dois primeiros pontos.

No segundo texto, *Linguagem e poder*, temos a exposição de um problema: como considerar, de maneira coerente, a totalidade do mundo, reconciliando o que pensamos de nós mesmos com o que a física, a química e a biologia nos ensinam? De forma didática, o autor explica a diferença entre objetividade e subjetividade epistêmicas e subjetividade e objetividade ontológicas para passar à análise da realidade social e política. Expõe a noção de intencionalidade coletiva presente em qualquer forma de comportamento cooperativo, desejose crenças compartilhadas. Mostra como passamos dos fatos sociais para os fatos institucionais, como o dinheiro, o casamento, a propriedade ou o governo. Conduziu com a atribuição de funções e regras constitutivas. A partir desses dois elementos, mostra como os homens sofisticaram essas atribuições e funções à base de aceitação coletiva com atribuição de *status*, em que se adotam determinadas atitudes a respeito de coisas que não têm um valor intrínseco, mas que lhes são atribuídas, como, por exemplo, o dinheiro. Esses materiais têm *status* e realizam sua função porque reconhecemos neles um valor. O valor atribuído tem potências positivas e negativas, como, direitos, deveres e regras. Uma das funções de *status* é a linguagem e é parte constitutiva da realidade social. Quanto ao poder político, este é diferente do poder econômico, sua essência é um poder deontológico; as

razões políticas baseadas em *status* dão, ao agente, razões para agir independentemente do desejo, pelo simples fato de o agente reconhecer nesses materiais um conjunto de fatos institucionais como válido ou obrigatório. Disso resulta que razões podem motivar desejos, característica das sociedades humanas, diferentemente de sociedades animais. As mudanças sociais e políticas, para o autor, são devidas a movimentos das funções atribuídas e de transformação na distribuição das funções de *status*.

A filosofia da mente e da linguagem visam, do ponto de vista da análise, a objetividade do conhecimento, incluindo aí os desejos e crenças do agente. Alguns temas tradicionais da filosofia, principalmente da filosofia social e política, como, por exemplo, o poder ou a ideologia, podem revelar a influência dos sentimentos e levar o leitor ao arrebatamento pela emoção, quando tratados por outros meios que não o da análise. A ideologia pode servir como óculos na leitura de problemas ou anteparo na solução dos mesmos, principalmente de problemas sociais. Autores, como Searle, mas também Davidson, Sellars, só para citar alguns, têm na análise da linguagem o foco para a análise da racionalidade em questão, o que é anterior à análise do problema propriamente dito. Isso é interessante a fim de desmistificar a razão e situá-la como um operador tanto em filosofia da mente como em filosofia da linguagem, assim como em filosofia da ação. O resultado obtido é uma estrutura subjacente a toda particularidade para facilitar o exame das questões.

Recomendamos este pequeno livro de Searle (102 páginas) para ambientar o leitor com o tratamento de análise próprio à filosofia analítica da linguagem e propiciar um caminho seguro à epistemologia.

**\* Professora do Mestrado em Ética e Epistemologia e do Departamento de Filosofia da UFPI. Doutora em Filosofia/PUC-RS e em Filosofia da Linguagem/ Université de Montréal.**